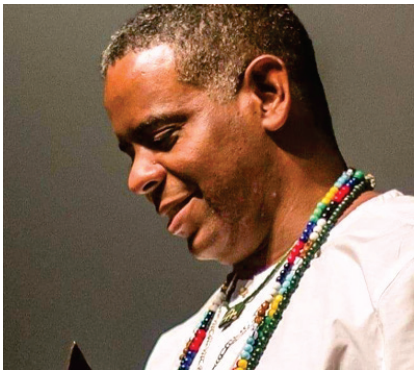


A gente é pedaço do outro na gente¹

Conversa com Pai Ricardo de Moura gravada na manhã de segunda-feira, em 03 de agosto de 2020

Nesse exuzilhamento da memória, vemos a nós mesmas nas outras, as outras em nós mesmas, nessa interligação de caminhos que a todas nos une e distancia. Nos irmana e aponta diferenças.

(Wanderson Flor do Nascimento)



Pai Ricardo de Moura, filho de Oxossi e Iemanjá, é o Zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente e fundador do OriSamba, filho carnal e herdeiro da Mãe Maria das Dores de Moura que fundou o Terreiro com seu marido e primeiro Zelador da Casa: Pai Joaquim Camilo. Pai Ricardo é membro diretor do CENARAB (Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira) e, atualmente, está como presidente do RUM (Reunião Umbandista Mineira) e membro titular do COMPIR (Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial). (Foto cedida pelo entrevistado)

Joviano Gabriel Maia Mayer

Arte-educador, advogado popular, mestre e doutor em arquitetura e urbanismo pela UFMG. Contato: mayerjoviano@gmail.com

1. Nota da equipe editorial: Por se tratar de entrevista e com o objetivo de preservar a linguagem original das pessoas, a revisão se deteve em elementos que não descaracterizassem o vocabulário e as nuances do falar dos envolvidos.

2. Sobre a CCPJO e a forma que os povos de terreiro concebem acerca de noções como lugar, bairro e território tradicional, recomendo a dissertação *Lá no caminho eu deixei meu sentinela: territorialidade e movimento de um terreiro de umbanda* (Lânia Silva, 2018), defendida pela amiga Lânia Mara em banca realizada dentro do próprio Terreiro, no território-sagrado-ancestral da CCPJO.

Joviano: Pai Ricardo, primeiro agradecer pela oportunidade e pela honra de poder ter essa conversa com o senhor. Como eu falei, é mais uma conversa do que uma entrevista, então fica bem à vontade para propor questões de discussão. Primeiro, me fala um pouco da história desta encruzilhada aqui, desta Casa, da sua história também.

Pai Ricardo: Então, meu nome é Ricardo de Moura, todos me conhecem, me chamam como Pai Ricardo. Hoje eu estou Zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente, Associação da Resistência Cultural Afro-Brasileira². A gente tem o carinho de chamar a Casa de CCPJO, a gente abrevia porque o nome é grande. E é um terreiro de Umbanda que se estabeleceu aqui na Vila Senhor dos Passos, antigo Buraco Quente. E quem fundou esse terreiro foi meu pai, no final da década de 1950 para 1960. Belo Horizonte estava aí sendo construída, estava naquela transição de Arraial para cidade. A cidade já tem uns 120 anos, mas isso aconteceu lentamente, e essa comunidade, essa Vila, ela fica bem ao lado das pedreiras que iam tirando as pedras para fazer a Avenida do Contorno. Que a cidade seria construída somente dentro da avenida do Contorno e nós íamos ficar às margens de novo.

E é engraçado que eu tô num bairro que é a primeira encruzilhada de Belo Horizonte. Tô aqui no bairro que é a primeira encruzilhada, quando a gente para para entender a Lagoinha, é uma encruzilhada onde quem é de ficar fica, quem é de passar passa. Porque nesse bairro aqui, Lagoinha, hoje está subdividido em tantas coisas, não apenas no sentido geográfico, mas antes era tudo Lagoinha, aqui é o maior berçário e celeiro da tradição e cultura afro e popular de Belo Horizonte. Daqui saíram e permanecem muitas formas de cantar, de dançar, de fazer, de beber, de viver. É nesse lugar que a gente tá, nesse terreiro de Umbanda que é fundado pelo meu pai, Joaquim Camilo, e minha mãe, Maria das Dores Moura.

Meu pai é oriundo de uma fazenda escravagista que quebrou na crise de 1940, aí eles foram postos para fora. Minha mãe era mais nova que meu pai, quase 30 anos, então minha mãe é uma mestiça da zona rural ali de Carmo da Mata, Oliveira, daquela região ali. E, nesse processo de caminhada, encontrou com meu pai no Rio, eles vieram pra cá e montaram o terreiro. Quando eu nasci já tinha terreiro.

Joviano: Eles foram iniciados no Rio?

Pai Ricardo: A iniciação do meu pai é... meu pai já era de uma família dentro da fazenda que tomava conta da parte espiritual, da parte sagrada do povo, meu pai não ia para a lavoura, não ia quebrar pedra, a família do meu pai. E isso com a permissão, com a liberação dos donos da fazenda. Porque os donos da fazenda entendiam que a fazenda vivia melhor, não tinha fuga, não sei o quê. A lavoura era melhor quando o pessoal podia praticar a tradição. Desde os pais dos donos, dos herdeiros da fazenda, já tinham observado essa

força da espiritualidade, essa força do Axé e começaram a implantar isso na fazenda também. Só que a fazenda não aguentou o processo de industrialização e quebrou.

Então a formação do meu pai ela é de berço mesmo, conforme essa diáspora, meu pai já é uma diáspora também, eu sou diáspora do meu pai. Estamos falando de uma coisa, assim, da década de 1920. Minha mãe, como era uns 30 anos mais nova que meu pai, pegou uma situação de terreiro edificado. Meu pai não, meu pai ainda tinha aquela coisa muito de fazer as coisas junto à natureza, nas matas e tal. Minha mãe já pegou uma situação de terreiro edificado, os fundamentos da minha mãe foram feitos no Rio de Janeiro, em Madureira, Casa de Pai Najô.

E eu nasci já tinha terreiro. Quando eu nasci em 1970, já tinha terreiro, há uns 10 anos, 15 anos. E a vida inteira tudo que eu fiz foi terreiro, sou filho de Pai Nepanji, Tateto Nepanji, Nelson Mateus. Eu sou essa confluência aí, eu fico andando nessa encruzilhada, eu vou e fico parado nela, eu trabalho na encruzilhada. Porque quando a gente.. voltando ao título do trabalho né, “De pé na encruzilhada”, a gente tá nisso aí a vida inteira. Então esse é o Pai Ricardo e esta, a Casa Pai Jacob do Oriente, envolvida em várias lutas aí, em várias formas de resistir e de somar a outras resistências e de iniciar resistências. Essa coisa toda aí que o pessoal tem visto a respeito da Casa Pai Jacob do Oriente que trabalha muito em torno da comunidade onde ela tá, o território onde ela tá, tem uma confluência muito grande com outros territórios.

Joviano: Pois é, Pai Ricardo, falando em confluência, foi muito bonito para todos nós sua ida lá ao Kilombo Souza. E, quando o senhor entrou no quartinho, uma das primeiras coisa que o senhor viu foi uma imagem de Pai Jacob do Oriente.

Pai Ricardo: Exatamente.

Joviano: Foi uma confluência. E nós já estávamos tentando te levar lá, eu fiquei enchendo a paciência da Michelle Pessoa. Me desculpa a insistência, mas sabíamos que era importante.

Pai Ricardo: É, muita coisa, não consigo acompanhar o celular, e a Michelle é essa pessoa que faz a ponte.

Joviano: Pois é, mas por que do Oriente? Tem o Pai Jacob, apenas, e tem as entidades que têm a denominação do Oriente. Um amigo, o André Luiz, dono deste equipamento, me pediu pra fazer essa pergunta.

Pai Ricardo: Então, a Casa chama Pai Jacob do Oriente porque é o mentor espiritual que meu pai incorporava, um Preto Velho que falou para meu pai dar continuidade à Casa. Nem era abrir a Casa, era dar continuidade. Porque uma casa, ela se estabelece não pela formação das paredes, das portas e da janela. Uma casa é o que tem dentro dela, são os costumes, a tradição, os modos de viver, comer, tudo que acontece. Isso é uma casa.

Então, Pai Jacob do Oriente, quando meu pai chegou aqui, meu pai incorporou esse Preto Velho e a Casa tem esse nome por causa desse Preto Velho, que pediu para que meu pai desse continuidade às tradições e tudo, restabelecesse a Casa para isso. Daí então a Casa chama Pai Jacob do Oriente. E esse nome, como é que a gente entende isso? É um nome antigo, tem gente que fala que é um nome bíblico, porque o pessoal de lá que começou a fazer a divulgação das escritas, a partir da Bíblia, tudo que eles escrevem falam que é deles, apropriam né? Usam a escrita para apropriar. Mas antigamente Jacob do Oriente porque... eu sou Ricardo Moura hoje, mas já foi Ricardo filho da Maria e do Camilo. Os nossos nomes, nossos sobrenomes carregam a referência territorial, ancestral, assim nosso povo é. Hoje o Gabriel filho do Ricardo,

qual Ricardo? Filho da Maria e do Camilo. Ah, o Camilo, pedreiro, aparelho do Pai Jacob. A gente se localiza pela nossa herança, que eu não sou sozinho.

Quem é o Ricardo? Não é o Ricardo que tem uma Casa, mas que está em um território, que tem uma história. Então, Pai Jacob do Oriente antigamente não tinha divisão de estado, mais antigamente era esse lado de cá e aquele lado de lá. Tinha o lado que o sol nascia, e o lado que o sol se põe, nem tinha norte e sul. Então quando fala Pai Jacob do Oriente, esse nome, essa história, a respeito das coisas do Oriente, geograficamente. É geograficamente porque a África é Oriental, a África não é ocidental. E eu acho que eles deram nome de Oriente também por causa do dicionário, oriente de orientação, de lugar. E o mentor espiritual é orientação. Mas Pai Jacob do Oriente, realmente, porque a gente pesquisou, a gente procurou saber da própria Entidade, sua origem, então ele vem de uma parte muito oriental, do oriente da África por aí.

Quando meu pai morre, o mentor espiritual que assume a Casa...

Joviano: Que ano ele morreu?

Pai Ricardo: Em 1977.

Joviano: O senhor estava novinho.

Pai Ricardo: É. Pai Mané de Embaré³, o nome da Entidade da minha mãe. Embaré é um lugar. Aí minha mãe morre em 2005, quem assume a Casa, o mentor espiritual que eu trabalho com ele hoje se chama Pai Josias de Luanda. Tem Pai Joaquim de Angola, então você vê isso, sabe?

3. Pai Manoel de Embaré. Optei por manter a grafia oral do nome desse Preto Velho.

Joviano: Entendi, e é uma Casa de Umbanda Omolokô...

Pai Ricardo: Aí a gente cai na eterna separação do nosso povo, porque nosso povo é de uma diversidade grande, linguística, são vários troncos de línguas, às vezes no mesmo território. E o colonizador acabou separando tudo, até o que nos une, que é a espiritualidade. Então o que acontece, as casas de Umbanda Omolokô, de Jeje, Nagô, de Angola, de Ketu, de Mina, de Fon, todos louvam Oxalá. Todos têm um Deus do Fogo, todos têm uma Rainha dos Raios, todos têm uma Deusa das Águas, onde é que nós somos diferentes? O que é água para mim é água para o Keto, Jeje, Nagô. Pode trocar o nome: amazi, omi, amunga, mas sempre vai ser água, e sempre vai ser essencial. O que é folha para mim é ewé, pro outro é insaba, mas é folha.

Lógico que o território e as diferenças de território favorece um jeito ou outro de praticar, que onde é que vai se dando, aqui é Angola Congo porque usa tal folha, que a gente não canta tal cantiga, não fala tal palavra, e aí vai trocando. E a gente começa a ficar um ser humano diferente do outro, e não existe isso no ser humano, tudo é ser humano. Porque, indiferente da nação ou da forma de rezar, lá em cima os caras é organizado, nós que somos bagunçados aqui embaixo. Lá em cima o pessoal é organizado, sabe? E com essas coisas a gente vai se colocando assim. Então, quando um vai na Casa do outro, "olha, véi, me identifiquei com você, você é Omolokô também?". Por exemplo, minhas obrigações são de Congo. Meu pai nem sei quais eram as obrigações dele.

Joviano: Aproveitar que o senhor falou que nós aqui somos bagunçado, no dia que eu vim aqui o senhor falou uma coisa muito bonita: que a encruzilhada ficou muito tempo marginalizada, mas ela é o centro, né? Ela não é bagunça, ela não é confusão. Fala um pouco.

Pai Ricardo: Só pra encerrar isso, então historicamente nasce no Brasil uma coisa que se chama Candomblé, que é o nome dado por alguém de fora que

conhece a linguagem do povo de dentro. Quando vê os nego juntando pra rezar, pra cantar, pra dançar, pra bater, algumas pessoas que não discriminavam falavam: “Olha que legal aquilo ali, o que que os nego tão fazendo?”. Aí fala que é Candomblé. Candomblé é o ato do povo celebrar o Orixá, juntar, ritualizar a parte sagrada da espiritualidade, do Candomblé. Mas de tanto essas pessoas, de ver o Candomblé só com um olho, só com uma forma, acham que é uma coisa só virada para uma parte da divindade afro. Mas o ato de se juntar e celebrar é o Candomblé. Tornar uma coisa Sagrada é candomblé. Sacralizar alguma coisa é Candomblé. Mas quais são as formas de Candomblé que tem?

Joviano: É pluri, né?

Pai Ricardo: Pluri. E tem que ser pluri. Tem que ser. Tem que ser respeitada, internamente por nós, de terreiro. Porque até nós começamos a nos subdividir. Povo de terreiro, né? Ah, vamos pôr no edital: “aberto a povo de terreiro porque aí contempla os povos de Umbanda. Porque aí contempla os povos de tradição”. Então aqui se pode falar que é um terreiro de Umbanda, de raiz Banto, que nós somos Banto, Minas é Banto, bem dizer, né? E essa Casa tem na sua formação, porque a Umbanda é isso, é uma bacia que tem a formação de várias influências religiosas, ritualísticas, a qual se sobressai a formação da liderança, certo? E todas as outras louvam a encruzilhada. O Jeje, Angola, Nagô, Fon, todo mundo louva a encruzilhada, a Umbanda. Mesmo com diferença física, material, tem uma igualdade na subjetividade.

Então a encruzilhada acho que é a coisa mais democrática que tem. Ela é realmente pra todos, o que todos dão conta, o que todos têm, seja o que for. Então acho que o terreiro também é uma encruzilhada.

Joviano: E sobre isso que o senhor fala, os novos quilombos, os desterrados da cidade?

Pai Ricardo: Era uma outra conversa que estava tendo, em um outro espaço, a respeito disso, foi na época das enchentes, tirou muita gente, no início deste ano (2020), e veio uma conversa: “mas você também construiu no lugar do rio”. E ninguém quer construir dentro do lugar do rio, a gente é obrigado a construir por lá, porque, né? Então foi expandindo e expandindo, e eu falei assim: “Ô gente, a gente tem que observar que o momento tá assim, tá um momento agressivo, existe os sem-terra do campo e os desterrados da cidade”.

Porque acaba fazendo isso, se o colonizador, se a máquina me empurrou pra construir na periferia, me empurrou pra morar na periferia e pra morar dentro do leito do rio, ela tem que dar condições pra isso. E as condições de moradia envolve a observação, mais do que o local para cobrir do sol e da chuva. O local de confluência, o território de confluência, de sua tradição e suas coisas, isso é moradia por completo. E às vezes isso não é observado, é colocado em espaço, não em moradia. Te colocar em um espaço para você ficar é uma coisa, te dar um local de moradia é outra, na minha opinião.

O que acontece é que a gente tem um movimento que é dos sem-terra do campo, com agronegócio, latifúndio, com a monocultura, e nós temos os desterrados da cidade. E os desterrados não sabem pra onde vão. Eles não sabem plantar, então o desterrado que tem uma condição, uma graninha boa a mais pra morar na cidade desde sempre: “ah, eu aposentei, vou pro sítio, no campo, que aqui não me cabe mais”. Mas o cara não sabe criar uma galinha, o cara não sabe tratar uma terra. Enquanto quem tá lá sem terra no campo quer a terra pra fazer isso tudo e acaba que eu, desterrado da cidade, vou entrar em conflito com quem sabe fazer, vou estar num lugar pra não fazer nada, eu vou ser um colonizador? Vou ser um latifundiário? O que eu vou ser? Desterrado. Vou estar numa terra para aproveitar uma comunidade, de

umbigo, que é olhar a natureza, ter um lugar livre do barulho. E que é legítimo também, mas a gente cai nesses conflitos.

Então, eu costumo falar que a gente tem os sem-terra do campo e os desterrados da cidade. Os desterrados da cidade têm esse problema aí, não sabem o que vão fazer depois. Hoje passa, vai urbanizando as vilas e favelas, e vai dando espaços para as pessoas se acomodarem e não vão dando moradia. Tá cheio de espaço melhorado para se ficar dentro das vilas e favelas, mas não tem espaço de moradia.

A encruzilhada transatlântica codifica-se de forma ambivalente, forja-se em caráter duplo. Ao mesmo tempo em que a experiência do desterro é produzida como impossibilidade há o cruzo e a necessidade de reinvenção como possibilidade de sobrevivência. (Rufino e Simas, 2018, p. 50).

Costumava falar isso lá no Cénarab⁴ com o pessoal que a gente estava conversando esses dias, eles ficam doido: “cara, vou demorar a entender esse negócio aí”. Agora, para entender esse trem aí, você tem que vivenciar esse negócio.

O povo é o inventalínguas na malícia da maestria no matreiro

Da maravilha no visgo do improviso tentando a travessia

Azeitava o eixo do sol (Caetano Veloso, 1991)⁵

Joviano: Tem que vivenciar pra entender, né?

Pai Ricardo: Isso.

Joviano: O senhor considera aqui um quilombo?

Pai Ricardo: Considero. Considero um quilombo. Aqui nessa Vila nós somos nove terreiros.

Joviano: Tem o do Pai Joviano de Oxossi, né? Eu já estive lá.

Pai Ricardo: Pai Joviano. Aqui embaixo tem um, tem o do Pelé lá em cima, que, apesar que o Zelador morreu, ficou o espaço e quem quiser ir lá toca, tem um espaço. Olha pra você ver: o Zelador morreu e a família não tinha ninguém preparado para assumir o toque da tradição, preferiu manter o espaço pra quem quisesse ir lá fazer uma sessão, os amigos que quisessem fazer alguma coisa lá, deixou o espaço. Tem a mãe Naná, tem o Alisson ali. Entendeu? Então nós temos a Dona Mirtes. Nós temos muitos terreiros. Não temos nenhuma igreja evangélica e a igreja católica está desativada no morro.

Então, a gente tem um espaço muito confluyente e eu considero aqui um quilombo. Apesar que, se dá um significado para a palavra “quilombo”, que é uma área de família e os espaços são comunais... O entendimento de quilombo como vilas e favelas, nas comunidades é diferente. O quilombo se estabelece pela prática da tradição, mas não por tornar o espaço geral em área comum. Cada um tem sua área, porque cada um chega com a sua tradição. Mas nos espaços comuns a gente conflui. Eu acho que é um quilombo sim. É uma forma de quilombo. Porque se estabelece uma forma de viver equânime, uma forma de viver que conflui, muitas das vezes no meu território, igual... apesar de ser Omolokô, Jeje, Nagô, Angola, tudo nesse espaço, nós somos iguais. Eu tenho a mesma prática às vezes de forma diferente dos outros que estão aqui.

Os quilombos, que variavam segundo o tamanho das terras ocupadas

4. Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira.

5. Canção Circuladô de Fulô, de Caetano Veloso, do disco Circuladô, Polygram: 1991

e o número de seus habitantes, costumavam manter bem organizada e eficiente produção agrícola, formas de vida social instituídas segundo modelos tradicionais africanos adaptados à nova realidade da América. (Nascimento, 2019, p. 74).

Então isso para mim é um quilombo, mas o meu espaço territorial ele não é comum. Espaços de terreiros são comuns, mas espaço dos outros não são comuns pra mim, não são espaços assim comunitários, né? Por exemplo, todo mundo usa do terreiro comunitariamente: pra beber, pra comer, pra rir, pra rezar, mas às vezes eu não tenho esse espaço lá, o Pai Ricardo pode ter, mas não é todos do Pai Ricardo que vão ter espaço na sua casa. E é legítimo isso dentro da favela. Enquanto no quilombo a gente tem isso, as áreas são áreas comuns, todos têm sua casa, mas o território em geral ele não pode ser vendido, não é isso? Me explica melhor.

Joviano: É, formalmente não.

Pai Ricardo: Não podia ser isso, tem que ser coletivo. Aqui não, cada um tem seu título, a subjetividade garante a coletividade, mas os espaços geográficos dos territórios são entendidos de formas diferentes.

Joviano: Massa, é isso.

Pai Ricardo: E aí, voltando àquela coisa, a gente tem que voltar a aprender a se ver no outro. A ver que o outro tem um pedaço de nós nele, a gente é pedaço do outro na gente, senão a gente vai continuar se separando...

Joviano: Que a principal arma do colonialista é dividir, né? Divide e reinarás. É bíblico.

Dividir, separar, isolar e solapar nossa força física e espiritual tem sido uma continuada estratégia empregada contra nossa unidade e nossa resistência. (Nascimento, 2019, p. 70).

A ESCRAVIDÃO AFRICANA NAS AMÉRICAS produziu, para aqueles que foram escravizados, dispersão, fragmentação, quebra de laços associativos e morte dupla: física e simbólica. (Rufino e Simas, 2018, p. 57, caixa alta no original).

Pai Ricardo: É isso. A coisa que quebra o colonizador é juntar. É juntar. É a gente ter noção realmente da nossa identidade, da gente saber fazer ficar entre nós. E, é isso, é uma luta. Porque é imposição muito grande que fez isso no Brasil a partir da semente, a gente tem que voltar a ser uma semente não híbrida, né? A gente tem que ser diásporo, mas não híbrido...

Joviano: Híbrido que o senhor fala no sentido da mestiçagem?

Pai Ricardo: Não. Da mudança forçada a partir da influência humana. De humanos com propósitos, porque tem influência humana.

O verdadeiro encontro entre os povos ocorre de forma espontânea e sob o signo do respeito mútuo. Nosso objetivo deve ser o de preservar, resgatar e reconstruir criativamente os aspectos positivos de nossos valores tradicionais espirituais, artísticos, culturais e éticos, em vez de “fundi-los” com outros num contexto de desigualdade. Procurando respeitar e exigir respeito, como seres humanos com uma identidade e uma história específicas, e conviver com os outros em paz, respeitando as suas identidades específicas. (Nascimento, 2019, p. 350).

O grupo de pesquisa, decidiu escolher o caminho das confluências

a partir de dores e curas. A capacidade em sermos resolutivos nos levou vislumbrar quase que a certeza que é possível, construir conhecimento em confluência em vez de influência, pois a influência um lado tende a dominar, enquanto a confluência ambos os lados se possibilitam a construir e desconstruir, em uma simbiose de dupla afetação. Esta pesquisa se materializou como resultado concreto e confluído que é possível construir pesquisa que contemple aos interesses de todos os sujeitos da pesquisa. (Silva, 2019, p. 72)

Joviano: Nêgo Bispo fala que o contrário da confluência é a influência.

Pai Ricardo: É, influência. Então a gente tem que ser diásporo, mas não híbrido a partir da influência humana. Porque o ser humano, ele não é perfeito, a gente pode tá cheio de boas intenções, cheio de bons entendimentos e saberes, mas a gente é um ser em formação, é um ser que se afastou muito da natureza, é um ser que se afastou muito do equilíbrio, é difícil vigiar, prestar atenção nessas coisas na minha opinião, sabe? Eu falo híbrido a partir do que a gente vê, do homem transformando a semente, para dar mais isso, aquilo, tererê, tarará. (risos)

Joviano: Influenciando diretamente na natureza.

Pai Ricardo: Exatamente. Olha o que está acontecendo aí, com essa bagunça aí, na Terra.

Joviano: Pois é, Pai Ricardo, sobre isso, esse momento aí, da pandemia, esse vírus, o que que a gente pode tirar de ensinamento, de aprendizagem, o que o senhor tá achando desse momento que a gente tá vivendo? Que é único, né? Inédito.

Pai Ricardo: Rapaz, quando eu paro em frente ao altar para fumar o cachimbo, eu vejo os meus mais velhos, os Pretos Velhos falando: “Tá vendo? Eu não mandei você comer folha verde escura? Pra você ter respiração melhor, ter os órgãos do pulmão fortificado. Eu não mandei lavar as mãos antes de comer comida? Não mandei trocar de roupa na hora de você chegar em casa? Tá vendo? Eu não mandei você não comer na rua?”. Ou, eles estão procurando vacina, a gente tinha condições de não deixar a doença entrar.

Os nossos mais velhos já nos ensinavam isso tudo. E olha que a condição humana já viveu uma febre, uma peste negra. Não é primeira vez que nós passamos por isso. E nesses tempos aí todos os terreiros, todos os oráculos, vêm falando dessa condição de como a gente tem tratado a Terra, como a gente tem influenciado na natureza, como a gente tem disseminado agentes que influenciam, que agem na natureza, e não como parte da natureza. O que acontece com ela, acontece comigo. Como eu trato a mim eu estou tratando a natureza.

Então essa pandemia é bem dessa forma. E ela vem numa forma perigosa, não só mata, mas como ela pode e vai, vai provocar novas formas de escravidão, porque muita gente sendo desempregada e, quando você abrir as portas de emprego, tem gente que vai ter que trabalhar quase de graça. Por quase nada. E o colonizador vai deitar e rolar. Mas nós temos ela como arma, a gente tem inteligência e vivência. Nós temos tecnologias avançadíssimas. Nós temos respostas para essa pandemia nas folhas, no modo de viver, porque a gente é um povo que trata bem a natureza, povo de tradição, povo de terreiro.

Esse é um povo que respeita a natureza, que trata bem, que entende a natureza como parte dela. Infelizmente nós não temos recursos materiais. A gente é sempre colocado, não na encruzilhada, mas às margens da encruzilhada para agir, sabe? Porque o colonizador entendeu que esse vírus é um vírus

que mata o quê? Velhos. Mais velhos e pessoas com problemas. Assim, ela mata mais idosos. E a pior coisa que pode acontecer com o povo de tradição oral é matar o idoso.

Então, conversando com a Makota Celinha⁶ outro dia debatendo sobre isso, eu falei assim: “Ô Makota”, isso foi o ano passado, “ô Makota, eu tô preocupado”. A Makota Celinha é uma grande militante Presidenta do Cenarab e uma mulher de ponta, sabe?

6. Makota Celinha Gonçalves, liderança destacada do Povo de Santo, é jornalista, empreendedora social da Rede Ashoka e coordenadora nacional do Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (CENARAB).

Uma mulher muito atuante, forte, forte como toda mulher é, sabe? A Makota: “O que que foi, Moura? Invém um trem aí. O pessoal não quer...”. Nós tava falando sobre a mortalidade do jovem negro. “Tão matando muito jovem negro”, e a Makota batendo nessa tecla, “tá, vamo combater, vamo formar as políticas, vamo entrar pra dentro, vamo pôr PL pra juventude, não sei o que, não sei o que, vamo, vamo”. Aí tem uns nove meses, quase um ano, a Makota: “tô preocupada, eu tô observando algumas coisas, e eu tô sentindo que os nossos jovens estão mais atuantes, nossos jovens estão mais fortes, nossos jovens estão assim, assim, nossos jovens estão se sobressaindo, nossos jovens teve acesso a faculdade, nós temos um sistema de cota, e eu tô na faculdade falando das nossas coisas, tem mãe Muiandê, tem um tanto de mestres, né? É... esses caras não vai ficar de braços cruzados, não. (risos)

7. Mametu N’Kise Muiandê, Mãe Efigênia, matriarcal do Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango (Senzala do Pai Benedito).

“Porque mais um pouquinho nós, nós não toma, não, mas a gente vai procurando uma equidade aí. De que você tá falando, Moura?”. “Eu tô falando, mãe, é que eu acho que a próxima estratégia do colonizador para continuar no comando, no poder, na tirania, é: ele vai parar, porque não é interessante também ele continuar matando a mão de obra que ele tem, de obra ele não aguenta. O velho não aguenta carregar peso, o velho não aguenta trabalhar noite e dia, o velho não, sabe? Então ele vai parar de matar os jovens e irão começar a matar velho porque é isso, porque os velhos estão falando mais, os velhos estão abrindo, estão com a oralidade na ponta da língua, estão transmitindo.

“A gente tem aí um bocado desses anciões, desses griôs aí, em plena ação, a gente pensa que é um bocado, mas são muitos, são poucos que estão tendo visibilidade, mas nós somos muitos. Não é só Pai Ricardo, Muiandê⁷... sabe? Quando a gente cai dentro de nós, a gente vê o tanto de pai e mãe, de mais velho passando, ensinando, aconselhando, e o colonizador tá prestando atenção, não só nos que têm visibilidade, mas nos que estão falando sem tanta visibilidade, de mídia, de espaço pra fazer”. Eu falei: “Olha, Makota, você vai ver, eles vão começar a matar velho. E os mais novos, sem orientação da oralidade, sem orientação da vivência, vão estar, eles vão cair na conversa deles, vão escravizar todo mundo de novo, olha o trem aí, né?”

Mas, ao mesmo tempo, essa doença que mata mais velho, que mata nossa oralidade, todo mundo fala: “não, então é só botar os velho aí na solitária. Que a doença não chega neles, estão em reclusão social”. Mas não é fácil. Esses velhos de saberes, de tradição, estão numa favela, e são até gestores de uma casa com quinze pessoas. Por mais que ele esteja confinado, vão dizer assim, porque nós não temos reclusão social, nós estamos confinados, né? Uma coisa que entrar vai pegar nele, pode pegar em todo mundo, mas ele vai pro saco.

Então, eu tava nessa conversa. Mas, por outro lado, essa doença também é uma doença que nos tira do comodismo e nos põe na tradicionalidade. É uma doença que nos tira da zona de conforto, nosso povo achou zona de conforto, e tamo confundindo como uma zona de comodidade. Tem hora que a gente sente até preguiça, velho. E a gente não é um povo preguiçoso. A gente é um povo que ao nosso modo quer o conforto. Mas a comodidade é uma coisa que eu, pelo menos, não me adequo bem, nosso povo não se adequa à comodidade. A caber em cômodos. Não tem isso.

A partir da hora que a gente vê que é preciso uma doença para parar tudo, sacode a gente. Uma doença parou tudo e quando parou tudo o colonizador teve que pular, teve que falar que vai dar comida, falar que vai dar dinheiro, e nem sabe, a gente sabe que eles vão querer cobrar isso depois, mas cabe à gente saber se vai querer pagar. Se eu vou pagar para eles ou se vou dividir minha renda com os meus. Se a gente vai criar a nossa maioria social, fazer o negócio rodar entre nós...

Joviano: Nossas escolas, né?

Pai Ricardo: É, enquanto eles têm escolas, nós educamos. Não tem um povo que educa melhor do que nós. Na escola se aprende escola. Nós somos um povo de educação. E hoje nós somos uma diáspora que teve acesso à escola. Podemos juntar escola e educação. Sabe?

Esses diferentes modos de educação, gerados nas frestas e nas necessidades de invenção da vida cotidiana, evidenciam a potência dos saberes de mundo que se assentam sob as perspectivas da corporeidade, oralidade, ancestralidade, circularidade, comunitarismo. (Rufino e Simas, 2018, p. 46).

Então, quando a gente entende que a gente pode fazer isso tudo, mas que essa doença mostra que a gente tem o poder de entender que tem condição, que os caras falam: "Ah, não tem condição de fazer isso", a gente aceita os não dos "caras", e não vê o porquê do não deles, que o porquê deles é sempre para garantir privilégios. E eu já falei isso mais de uma vez, os privilégios desse pessoal estão sempre alicerçados em cadáveres do nosso povo. Só que uma hora até o osso vira pó.

Então vai precisar de mais cadáveres, se eles quiserem que os privilégios continuem firmes e alicerçados. Então, quando a gente vê isso, então, se a doença para isso, então nós também paramos, nosso povo. Por que a gente não se junta e para também? Por que a gente não se junta? A gente quebra os colonizadores se a gente juntar. A gente pode estar separados, mas nós somos um povo de junta. A gente pode estar separado um do outro, mas "nós dois é junto, viu, véi? Ô véi, a gente tá separado, pela distância, por uma situação, mas a gente fecha!".

Joviano: A gente conflui, né?

Pai Ricardo: É, a gente conflui, a gente transflui. Né? A gente conflui quando tá juntinho. Quando a gente encontra, a gente conflui. E, quando a gente está distante, a gente transflui. O que você faz lá me afeta aqui. O que você constrói lá pode me favorecer do lado de cá. Isso é transfluência.

Joviano: O que foi o caso do Kilombo Souza.

Pai Ricardo: Exatamente! Então, esse momento é um momento importante para entender o que as organizações de saúde, a partir das pesquisas, a partir de tudo, falam, orientam, mas é importante também colocar juntas as orientações e a educação tradicional nisso, potencializar. Agora precisa da vacina. Mas amanhã, igualzinho a febre amarela, a peste negra, igual aquele negócio que teve para trás aí, passou, isso também vai passar. A dengue não passou, ela apagou, mas a gente arrumou um jeito e tal, isso também vai passar. Cabe a nós não precisar de uma próxima vacina.

Joviano: Massa! E o Luiz Rufino que eu te falei, aquele camaradinho lá do Rio, falando sobre educação, ele reivindica então uma "Pedagogia da Encruzilhada", né? Que seria como que os saberes "exusíacos", os saberes de Exu, podem fundar, contaminar, contagiar essa educação. E mais do que isso, a própria luta contra-colonialista. Então, em quais saberes o senhor

acha que a gente pode nesse momento se inspirar pra poder enfrentar o colonizador?

Pai Ricardo: É entender no princípio a partir da palavra e do lugar. Tem a palavra encruzilhada, e tem esse lugar de cruzo, de cruzamento. Não existe cruzo de um. Então a gente não pode se limitar, de achar que a encruzilhada é lugar só de Exu. A gente entende encruzilhada, como povo de terreiro, a partir das entidades. Exu, que é o senhor dos caminhos, que é o senhor da comunicação, que é a energia mais próxima da carne humana, da divindade assim, que consegue; os Exus que se incorpora. E tem os Exus que são a fonte magma da natureza. Exu também é Orixá.

Então, quando a gente pensa na encruzilhada como lugar de educação, como ferramenta de educação, como lugar de buscar a educação, a gente tem que entender isso, que a encruzilhada não é só de Exu. Exu é o trabalhador magma da encruzilhada. Ele tá no caminho, se ele é o caminho, a encruzilhada é o quê? Cruzos. Caminho. Exu está lá, mas ele conflui com tudo. Com Ogum, com Oxóssi, com todos os Orixás, como também com a parte humana.

Quando você me perguntou: “Pai, sobre a encruzilhada...”. O melhor lugar que tem pra estar é na encruzilhada, meu filho. É o lugar onde eu quero estar, por onde eu quero passar, que eu quero ter acesso, quero ter oportunidade de ter encruzilhadas na minha vida. Porque eu vou ter Exú me orientando o caminho. Porque eu vou ter caminho.

Joviano: Alternativas...

Pai Ricardo: Alternativas, então escolhas, pra que eu possa exercer meu livre arbítrio e arcar com as responsabilidades deles. Porque Exu faz isso. Exu pergunta: “Aqui? Olha essa responsabilidade nisso”. Porque Exu anda em todos os caminhos, aí ele sabe o que tem na frente.

Quando a gente fala dessa questão da encruzilhada, entender realmente esse lugar de palavra e de geografia da encruzilhada. Que quando fala assim “encruzilhada”, a primeira coisa que vem na sua cabeça é de subjetividade, casa de Exu, lugar de despacho... Geograficamente, você pensa logo em um cruzo de duas ruas, que vira quatro. Não é isso? Nosso povo não. Nosso povo vê na encruzilhada um junta, confluência das coisas, da palavra, da subjetividade, da geografia disso. Porque a palavra te dá alusão, te dá o pensamento, a fantasia, te dá o pensamento, né?

Joviano: E pros Bantos, ouvi o Tiganá Santana falar num ao vivo, a palavra vem antes da imagem, né?

Pai Ricardo: Exatamente. Então, quando a gente fala de cruzo, a gente vai produzir sempre na encruzilhada. Porque o cruzo produz muita coisa. Você junta uma coisa com outra e produz outra. E quando essas coisas, elas são confluentes, não influentes, a produção é boa. Só que a encruzilhada é pra todos, pra quem conflui e pra quem influi. Democrática.

Joviano: Está em disputa.

Pai Ricardo: Ela chega a ficar em disputa até, sabe? Mas a gente sabe que o senhor dos caminhos é Exu e é a ele que a gente reverencia na encruzilhada. Mas ele faz questão de ser o Zelador, de ser o trabalhador e de aceitar e confluir com todos lá e orientar todos na encruzilhada. É muito bom tá com Exu. (risos)

Joviano: Total. Pai Ricardo, tem uma coisa que eu ouvi no dia da roda do sétimo dia em homenagem ao Mestre Moa, na Praça 7, aí um companheiro do Afoxé Bandarerê fez uma fala crítica, assim, no sentido de que hoje muitas

vezes nos terreiros, na capoeira, tá cheio de gente branca, enquanto que nas igrejas evangélicas o negro tá muito presente. Então, como que a gente pode inverter essa equação, no sentido de o que fazer diante disso, né? Assim, como o senhor vê isso, se tem uma confluência, mas ao mesmo tempo pode ser uma influência, como que a gente lida com esse cenário?

Pai Ricardo: Pois é, olha só o que eu penso disso. Primeiro que eu acho que terreiro não é lugar só de preto. Quando você fala de terreiro, quando você fala de lugar, nós somos um povo acolhedor, um povo que não faz essa distinção, se tem que ter preto se tem que ter branco, tem que ter é ser humanos. E, antes disso, a própria entidade, o próprio Orixá não escolhe pela cor. Até que nós, seres humanos, não temos nada que pode atrair um Orixá, nós somos agraciados. Quando eu nasci: “Ah, Oxóssi te escolheu, Pai?”. Eu vou ter o que para Oxóssi me escolher?

Joviano: Okê, okê!

Pai Ricardo: Entendeu? Então, a vaidade ainda é muito grande sobre isso, porque eu acho, na minha opinião, Oxóssi me catou, ele nem me escolheu, me catou, me forma e me dá vida. Sabe, cada dia tento ser agradecido a Oxóssi. Eu não, eu não sou uma pedra brilhante pra Oxóssi desejar. Eu não tenho nada de tão bom que Oxóssi possa faltar para ele, pra ele me escolher. Passou, catei essa, catei essa, depois que ele foi ver quem era eu, vou dar isso pra esse, isso pra aquele, assim eu penso. No lugar que me coloco, perante aos guias e Orixás, enquanto Zelador, praticante das coisas de terreiro. Da tradição.

Segundo, como Zelador de uma casa, velho, não dá, existe historicamente um déficit na questão racial. Irreparável. Existe. Quando você traz isso para dentro do terreiro, é perigoso. Não existe racismo ao contrário. Não existe apartheid ao contrário. Não existe isso, mas quando isso entra para dentro de um terreiro, o Zelador, os detentores desses saberes, como é que eu deixo, eu, o Zelador, e as lideranças têm que ter sabedoria, vivência, entendimento de ser humano e da tradição. Não perder o controle de seu território frente às questões raciais e lutas de classe.

E quando cai nisso aí que os terrenos estão mais cheios de branco e as igrejas mais cheias de preto, por que então? Já me fizeram essa pergunta. “Pai Ricardo, o senhor não acha que a CCPJO tem muita gente da faculdade? Tem pouca gente da favela?”. Fico incomodadíssimo. Sabe o que que eu fiz? Fui pra dentro da favela. E principalmente casas de pessoas negras. Cheguei na casa da vizinha que não frequenta o terreiro, que não põe roupa, nem nada, e aí: “Oi, Pai Ricardo, bença”. Nem frequenta, não tem uma obrigação de pedir bença, mas pede. “Ô Preta, o que que aconteceu lá em Casa com você?”, “Por que, Pai?”, “Você não vai na sessão... até hoje você não interessou por roupa... Por que você não é do terreiro?”. Ela tomou um susto assim. “Pai, não sou do terreiro do senhor? Não. Por que, Pai, o senhor está falando isso?”, “Uai, você não está lá desenvolvendo, incorporando”, “Ô Pai, para eu ser do terreiro do senhor eu tenho que estar lá dentro? Eu pego comida do senhor quando o senhor distribui. O senhor benze meu menino. Quando eu passo mal e não acho nada no posto de saúde, eu pego as folhas do senhor. Eu tomei bença do senhor agora, eu não sou do terreiro? Respeito o senhor. Cuido das plantinhas, molho as plantinhas do senhor e eu não sou do terreiro? Então, pra você pertencer você tem que estar dentro?”.

Você pode ser pertencente e ter uma expansão das várias formas de participar, de praticar aquele pertence seu. Lógico que, quando eu vejo um, dentro da igreja evangélica, professando contra os seus e contra a sua tradição, isso dói. Mas isso é um problema de estrutura que não vai ser os terreiros que vão mudar. É um problema de estrutura que a igreja pode dar comida mais que o terreiro, é um problema de estrutura que a igreja pode dar condições de trabalho mais que os terreiros.

Mas eu aposto com você: pode tá cheio de negro na igreja, como eu vejo quando a procissão passa, um tanto de negro, mas a procissão, isso eu tô falando exemplo da CCPJO, mas não sei no magma, a procissão do dia 8 de dezembro, de Nossa Senhora da Conceição, passa na frente do terreiro e para, a imagem para em frente ao terreiro, os médiuns da Casa saem, jogam flores, confluenciam, relembrando a coisa do sincretismo, que Conceição é Oxum pra nós. É sincretizada em Oxum. E a gente acredita nos milagres de Nossa Senhora da Conceição e sabemos quem é Oxum. Por que que eu posso ter uma coisa e não posso ter a outra? Por que eu não posso dar conta de confluir com as coisas?

Joviano: Ser poli, né?

Pai Ricardo: Entendeu? Então, quando a gente fala dessa coisa, eu, Pai Ricardo, eu tenho uma certa dificuldade de entender algumas coisas, mas eu tenho a vivência de ver essas coisas. Então, quando essa procissão passa e para, a maioria de preto, branco, azul, japonês... “Ô Pai Ricardo, bença. Sopra a pomba em mim também. Canta aquela cantiga que você canta pra Oxum”. Eu vejo que há muita hipocrisia nas coisas. Nos discursos, nas palavras.

Eu vejo que a igreja ainda tem muito mais força, muito mais poderio de pôr medo, que a gente ainda é um povo que sente medo, sabe? É um povo ainda que sente medo, porque, se você não vier, Deus castiga, sua vida tá ruim por causa disso. Meu Deus não castiga. Minhas deusas são mães, se doam. Agora, eu quero ter mais negros, mais pessoas dentro do terreiro? Quero! Mas não quero impedi-las de ir lá também não. Não tenho esse direito. Porque elas têm entendimento, da identidade delas, como é que elas se reconhecem. E que nessa encruzilhada ela veja Exu, e Exu fala: “O caminho é esse, e tem isso nesse caminho, e tem esse e isso”.

8. Padre Mauro Silva, liderança incansável na construção do Muquifu — Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, que também constitui o espaço da igreja. (Áurea Carolina apud Silva, Cidinha da; 2019a, p. 187)

Quando a gente assume nessas conversas, assim, nessas coisas, é... é um déficit, um problema estrutural, um problema político, ter mais negros lá e mais brancos aqui. É um problema espiritual, porque, quando nego vai pra lá, pode ter certeza, ele vem cá. Há pouco tempo, o Padre Mauro⁸ do Muquifu veio aqui no terreiro. “Ô Pai Ricardo, vamos cantar para os negros lá. Vamos não sei o que da treta lá”.

Joviano: Foi lindo o “Negricidade”, o senhor já viu o vídeo que está na internet? O senhor fala no vídeo, é muito bonito. Aquele evento que vocês fizeram...

Pai Ricardo: Sim. Na Timbiras.

Joviano: É, ali na Timbiras.

Pai Ricardo: Não, não vi, manda pra mim.

Joviano: Aí, tem a Makota Celinha, o Padre Mauro...

Pai Ricardo: Espera, deixa eu dar uma orientada ali na obra...

(A entrevista foi realizada enquanto ocorria obra de reforma e ampliação da CCPJO.)

Pai Ricardo: Aí, quando Padre Mauro chama a gente, quando a igreja para em frente ao terreiro, a gente vê que tem pessoas dentro dessas autarquias, vê que tem gente nessas autarquias que tem um pensamento confluyente, apesar da autarquia, da instituição ser influente e “desconfluente”. Então, a gente não pode ficar preso a esses limites. Tem limites que tem que implodir por dentro mesmo, sabe? A gente vê que, reconhecendo o ser humano nesses lugares, é a melhor coisa, reconhecendo o ser humano como parte da natureza é a melhor coisa.

O colonizador é dose, mas a gente consegue ver as pessoas e a sinceridade, a gente não é bobo, né? De estar lá e agir, não aproveitar as oportunidades. Mas, quando a gente vê isso, a gente tem que entender, porque aquela pesquisa que eu fiz na comunidade eu fiz com 90 casas aqui na comunidade e recebia a mesma resposta: “Pai, como eu não sou do terreiro? Você me ajuda com isso, eu faço isso aqui. Aqui o que eu tenho aqui na minha casa, aqui tem uma Estrela do Mar aqui, ó, então como que não é do terreiro?”.

Ela pode não estar no meu território, mas tá com a tradição. Então, a gente tem que ter essa expansão e esse sentimento que o terreiro edificado é esse lugar geográfico, de educação, de divulgação, de combate, de território, geograficamente falando. Mas que as pessoas podem ser do terreiro da subjetividade, que as pessoas podem estar no seu terreiro a partir dos seus ensinamentos, que ela pode ser do seu terreiro a partir de te seguir e não só de estar dentro da sua corrente mediúnica, sabe?

Entender que as pessoas num terreiro não podem ser mais assistentes ou clientes. É difícil conversar sobre isso, mas chega a incomodar realmente às vezes. Quem chega e olha uma igreja cheia de preto e um terreiro cheio de branco, tá trocado as tradições. E quando às vezes as cobranças vão para cima das lideranças: “Pô, vocês não podem aceitar isso, não sei o que”. Eu acho que as lideranças têm que lutar realmente pelo seu povo. Sabe? Mas têm que entender que todo povo é povo dele. Respeitar o outro na sua magnitude é difícil quando você tem... Então, politicamente é complicado você vê isso, né? “Ah, as igrejas estão com mais gente nossa”. Por que nós somos mais atraídos pra lá? Porque lá eles têm mais dinheiro? Lá eles têm mais comida? Vai ter mais oportunidade? Por que que ele tá lá? Não teve acesso à educação do seu povo? Foi capturado? Porque nós não capturamos branco.

Joviano: Os brancos que vieram.

Pai Ricardo: Entendendo que eles também têm Orixá, guias e mediunidade, eles vieram. Mas vocês não têm? Por que eles foram para lá? Os nossos têm, agora tem aí aquela aquela estrutura, aquela diferença histórica.

Joviano: Muita grana também, do colonizador, né?

Pai Ricardo: Do colonizador que impera em cima da necessidade. Eu não consigo às vezes dar uma cesta básica para 600 fiéis todo mês. Se a igreja tem, e o cara tem que comer. E eles condicionam dar comida a estar lá dentro. Aqui não. A condição aqui é você precisar. Você precisa da comida? Se não tem pra você levar, sempre vai ter pra você comer. Todo dia você pode comer aqui. Tem dia que você pode trazer todo mundo pra comer aqui. Tem dia que você vai ter pra levar pra casa. Todos terreiros sabem, tiram da lata e dão pras pessoas. Só que nós não temos uma quantidade para suprir.

Agora, tem que entender esse povo que está lá que eu tô falando. Às vezes ele está lá na igreja, mas na casa dele tem uma Estrela do Mar, tem um pé de comigo-ninguém- pode na porta, tem um pé de Espada de São Jorge, e ele tá na igreja. Entendeu? Então a gente tem que olhar isso e ver o que que esses corpos em cada lugar representam politicamente e subjetivamente. O que que isso fortalece o colonizador, o que que isso nos enfraquece, e trabalhar a situação. Mas a gente tem que entender, né? Fazer essas observações, entendendo muito bem quando tenho isso, mas temos que entender isso. Se não Orixá ou Inquice não vibra na cabeça de branco. Meu Pai de Santo é branco, quem vai falar que ele não carrega N’Kosi? A primeira casa de Congo, de Angola Congo de Minas Gerais, ele é branco, e aí? Difícil. A gente começar agora...

Joviano: O senhor está falando de qual Casa?

Pai Ricardo: Tenda Espírita Nossa Senhora da Glória. Pai Nepanji, Pai Nelson

Mateus. O Sidney é branco, está num terreiro tombado!

Joviano: Então, a última pergunta que eu ia fazer para o senhor tem a ver com isso, sobre patrimônio...

Pai Ricardo: Só pra redondar, então é complicado. Agora, essas falas são importantes. O lugar geográfico de cada fala tem que ser observado. Lógico que nós temos que ter uma fala contra o racismo na Assembleia, na Câmara, tem que falar dessa diferença que é colocada pra negro. O que é colocado na afro-periferia. Então, a gente tem algumas conversas próprias para alguns lugares próprios geográficos de falar, e quais nós vamos fazer no nosso território, desse mesmo assunto. Porque nos territórios que a gente fala, a gente observa quem tá falando. O que você acha disso?

Joviano: Demais! É uma mandinga, né? De certo modo, é uma mandinga.

Pai Ricardo: É uma mandinga, então a gente não pode se perder na nossa mandinga.

Joviano: Lembro o título da tese do mestre Cobra Mansa: Gingando na linha da Kalunga⁹ (Peçanha, 2019). Como que a gente... o de pé na encruzilhada, o de pé pode ser gingando, né?

9. Nessa perspectiva, a condição do ser se manifesta como algo integrado entre o “eu” sensível ao mundo invisível e o “eu” terreno, visível e palpável. O gingar na linha da Kalunga é estar em movimento com um pé em cada uma dessas esferas. Porém, isso não é “estar em cima do muro”, mas experienciar a interação com os dois planos, que manifestam de maneira integrada a fisicalidade e a espiritualidade das coisas. O cosmograma bakongo representado em forma de encruzilhada, a linha Kalunga, marca a distinção e integração do mundo material e ancestral. (Rufino, Peçanha e Oliveira, 2018, p. 77).

Pai Ricardo: Exato. Você estar de pé na encruzilhada não quer dizer que você está parado. Que a encruzilhada é movimento, por si só é um movimento, não tem como ficar parado na encruzilhada se a encruzilhada movimentar. Palavra, subjetividade e geografia. Não pensa “encruzilhada é um cruzamento de ruas estáticas”; encruzilhada é um movimento de caminhos.

Joviano: E é que nem bicicleta, né? Se parar, cai.

Pai Ricardo: Exato, entendeu? Encruzilhada é movimento de caminhos, se movimentar no movimento, vêi, entendeu? Então, isso é interessante. Eu fiz isso aqui, aqui em casa eu fiz esse exercício com o meu corpo mediúnico, com a minha comunidade, com as pessoas que frequentam o terreiro. Eu tô tranquilo quanto a essa questão. “Ah, Pai Ricardo tem 300 pretos na igreja lá embaixo”, “Nossa! Que bacana! Ele pode estar lá, como ele pode estar aqui, como ele pode estar em lugar nenhum”.

Joviano: Como pode estar nos dois.

Pai Ricardo: Como pode estar nos dois. Cabe a mim entender ele e servir ele naquilo que ele dá conta. Entendeu? Então é um tema difícil, entre nós, entre os movimentos negros, para ver se confunde com a tradição. Movimento negro de luta política, de luta de espaço, de equidade é uma coisa, é uma coisa que a gente tá dentro também. E outra coisa é a subjetividade da tradição e do povo de terreiro, frente à religiosidade. Aí que dá o choque, porque a religiosidade é re-ligare, então tem uma hora que você religa, se liga. E nós não, estamos no 220 o tempo todo, a gente não tem religião, a gente é aquilo. Então a gente nem é um povo religioso. A gente é um povo de tradição. Porque a religiosidade é o ato de se religar ao sagrado. Pra mim tudo é sagrado o tempo todo, não tem ligação.

Joviano: Não tem desconexão, né?

Pai Ricardo: Não tem desconexão. Complexo, né? Mas a vivência é mais fácil. (risos)

Joviano: Então, pra liberar o senhor, eu queria só comentar que o senhor tem uma atuação destacada na questão também do patrimônio, do registro imaterial da Festa dos Pretos Velhos, né? E lá no Kilombo, isso foi muito forte

também. Aquele território só conseguiu impedir o despejo porque resgatou sua memória.

Pai Ricardo: Sua tradição, forma de pensar. Então, foi muito bom chegar lá no Kilombo Souza e ver Pai Jacob, cheguei lá tô em casa. Aquilo, né, a gente nunca se vê, a gente pouco se fala, mas a gente consegue se ver no outro, se sentir na casa do outro, como a gente faz parte do outro. Olha pra você ver. Pai Jacob do Oriente estava lá. Cheguei lá: “Uai, meu velho, bença”. Pai Jacob do Oriente.

Joviano: Tinha que estar aqui. Tinha que ir mesmo, né? Que bonito!

Pai Ricardo: Ou seja, era caminho. A encruzilhada se movimentou para mim chegar lá. Então, quando eu chego lá e lá é um quilombo, lá tem dos meus, lá tem um terreiro de Umbanda que a gente abriu a casinha de Exu, que a gente abriu o altar, o altar da mesma forma que aqui em casa, em pirâmide, os Pretos Velhos na base, Oxalá em cima, Exu à esquerda, sabe? Pô, véi, como nós somos separados? Como lá é isso, e aqui é outra coisa? Então a encruzilhada sempre se movimenta a fim de nos juntar, e a gente não percebe. Nossa percepção tem que ser praticada mais, né? A gente tem que ter percepção das coisas, perceber as coisas. Então aquela coisa no Kilombo Souza foi muito linda porque aí a gente foi lá um dia, aí depois a gente foi na certificação do Kilombo, a mãe renovou. Quando chegou na hora da tradição, ela: “Fluup...”. A tradição tomou conta dela, e ela cantou: “Vamos defumar isso, vamos fazer aquilo”. Aí depois ela trouxe uma cantiga de uma autora da música popular: “Ninguém ouviu...”.

Joviano: Ah, “O canto das três raças”... Foi lindo mesmo!

Pai Ricardo: E ela é dada como demente, como doente... Mais atual que nós tudo ali. Mas é uma anciã. Ela tem vivência. E ela tem prática de vivência. Ela não é observadora de vivências.

Joviano: Massa! Esse é um bom critério, né? Pra colocar pra Academia...

Pai Ricardo: Exato!

Joviano: Menos observador de vivência e mais praticante de vivência.

Pai Ricardo: Quando começaram a chegar no terreiro as condições da gente participar de editais, fazer oficinas, na hora eu mudei o negócio. Eu falei: “Aqui não tem oficina não! Aqui a gente não conserta nada, não! Aqui a gente pratica vivência.” (risos) Então eu acho que a nossa casa foi uma das primeiras casas de escrever vivências, de forçar no edital...

Joviano: Lembrei da Conceição Evaristo: escrevivências.

Pai Ricardo: Exato! Eu lembro que o primeiro edital que a gente passou deu um pau danado. Porque lá estava escrito: “Não vamos fazer oficinas, não, vamos fazer vivências! Oficinas você faz o que você quer. Mas não, os caras têm que me respeitar pelo nome, véi. Vocês estão abrindo um trem pra gente tá dentro, eu tenho que tá dentro por inteiro, véi. Da forma que eu sou, se eu começar a falar de oficina e fizer outra coisa, eu vou ficar igualzinho ocês”.

Joviano: É, o Nêgo Bispo fala que é pelo nome que o colonizador... é nomeando, primeira coisa que o colonizador faz é nomear.

Pai Ricardo: É nomeando. “Escreve vivência aí”, “Mas e se não passar?”, “Eu não passo, eu vou bancar isso aí”, “Mas, Pai Ricardo, é um marco o terreiro participar”, “Pode ser um marco participar, é dois marco não ceder”, “Mas, Pai, vai melhorar tanto”, “Pode melhorar, mas não vai faltar se não deixar de ter”. Estou aqui até hoje, véi. E tô nessa luta por causa da minha tradição,

por causa dos meus. Aí muita coisa passou a ser vivência, vivência, vivência... E o cara já empurra o colonizador pra lá: “põe vivência na escrita do edital”.

Joviano: Massa! Ô Pai Ricardo, é isso. Se o senhor quiser falar mais alguma coisa...

Pai Ricardo: Uai, eu quero é agradecer demais a oportunidade desse trabalho ser mais uma ferramenta da gente. Eu tô até mudando também, eu queria sempre implodir esse sistema, mas acho que a gente tem que mudar ele, tem coisas boas postas aí, a gente tem que observá-las, aproveitá-las, adequá-las, ou transfluí-las, confluir com elas às vezes. E que esse trabalho seja uma ferramenta pra isso. Pra gente poder realmente trabalhar por dentro. Te agradecer, viu, Joviano? Quem chegou em você, chegou na Gabinetona, chegou nos espaços que você está. E por você estar nessa disposição aí, de se movimentar junto com o movimento da encruzilhada. Eu tenho certeza que Exu, que você tem licença para fazer esse trabalho. Tenho certeza que esse nome é permissível, não tem que ficar assim, porque inclusive falei com você (firma o ponto): Exu trabalhador da encruzilhada, toma conta e presta conta no romper da madrugada. (gargalhada).

Sei que encruzilhada é de Exu, mas é lugar de todos. Pode ser pertence de Exu, os caminhos, a comunicação dos caminhos, os movimentos dos caminhos, mas é o melhor lugar de se estar, e em que todos podem estar. A encruzilhada não é um cruzo de caminhos estáticos, encruzilhada é um movimento de caminhos, de cruzo de caminhos. São cruzos em movimentos. Nosso povo é um povo em movimento. É um povo circular. E o que não tem quina, não para, não. (gargalhada)

Joviano: Massa!

Pai Ricardo: Entendeu, entendeu? (risos)

Exu executava tudo de forma exímia. Oxalufã, reconhecendo os méritos de seu trabalho, o recompensou, ordenou que todos aqueles que vinham à sua casa e lhe ofertavam algo destinassem parte das oferendas também a Exu, que desta forma manteve-se como guarda da casa de Oxalufã e fez da encruzilhada sua morada. A encruzilhada nos ensina que não há somente um caminho; a encruzilhada é campo de possibilidades. (Rufino e Simas, 2018, p. 117-118).

Referências

KIDOIALE, Makota; MUIANDÊ, Mametu N'Kise. **Senzala, terreiro, quilombo**. Revista Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12, p. 52-61, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: Documentos de uma Militância PanAfricanista**. São Paulo: Perspectiva, 2019

PEÇANHA, Cinézio Feliciano. **Gingando na linha da Kalunga**: Capoeira Angola, Engolo e a construção da Ancestralidade. Tese (Doutorado) — Programa de Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RUFINO, Luiz; PEÇANHA, Cinésio F.; OLIVEIRA, Eduardo. **Pensamento diaspórico e o “ser” em ginga**: deslocamentos para uma filosofia da capoeira. Capoeira Revista de Humanidades e Letras, Redenção (CE), v. 4, n. 2, 2018, p. 75-84

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas Rio de Janeiro: Mórula, 2018

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SILVA, Ana Cláudia Matos da. **Uma escrita contra-colonialista do Quilombo Mumbuca, Jalapão-TO**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, Cidinha da. **#Parem de nos matar!** São Paulo: Pólen, 2019a.

SILVA, Lânia Mara. **Lá no caminho eu deixei meu sentinela**: territorialidade e movimento de um terreiro de umbanda. 2018. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Recebido: 09/03/2021

Aprovado: 05/05/2021